



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

DA HIBRIDEZ TEXTUAL AOS CONTRASTES CULTURAIS: AS QUESTÕES DE GÊNERO EM NIKETCHE UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

Maria Aparecida Nascimento de Almeida; Felipe Pereira da Silva; Rosilda Alves Bezerra
(orientadora)

*Universidade Estadual da Paraíba – ci.di.nhampb@hotmail.com; scj.felipe@gmail.com;
rosildaalvesuepb@yahoo.com.br*

RESUMO

Visando propiciar reflexões acerca das questões de gênero na obra *Niketche uma história de poligamia*, de autoria da moçambicana Paulina Chiziane, o presente artigo fundamenta-se na noção de “entre-lugar” cunhada por Homi K. Bhabha, partindo do pressuposto de que o conto, possibilita legitimação identitária, enquanto o romance é uma ficção que sobrepõe poder cultural em África, conforme problematização de Leite (2012), Moretti (2009), Schimidt (2010), Gotlib (2006), Piglia (2004) e Teles (2002), ressaltando os conflitos estabelecidos quando se deparam tradição e modernidade, culminando numa abordagem que evidencia, do real ao ficcional, as “agruras do ser feminino” em uma sociedade eminente patriarcalista.

Palavras-chave: *gênero, Paulina Chiziane, poligamia, Moçambique.*

1 INTRODUÇÃO

A postura discursiva de Antoine Compagnon ao longo da Conferência inaugural, dos cursos da nova cátedra de literatura do Collège de France, intitulada *Literatura para quê?* E proferida em novembro de 2006, desde a nomenclatura ilustra o viés que adequa-se de forma mais coerente às atuais pesquisas literárias, tendo em vista que estas direcionam menos para respostas do que para questionamentos, exigindo reflexões e considerações que problematizando a literatura consigam identificar os fenômenos que a torna, na contemporaneidade, irredutível a definições.

Do universal ao particular, constatamos que a complexidade não se resume se o recorte proposto para o corpus de uma pesquisa for um gênero narrativo, já que torna-se impensável, na atual configuração literária, a aplicação de conceitos e definições pré-



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

estabelecidas, pois as obras contemporâneas impetram a crítica o desafio de desenvolver teorias que possam classificá-las, tendo em vista que não externam intencionalidade em adequar-se às até então vigentes. Assim, em consonância com Compagnon (2006, p. 19) enfatizamos que “Aqui será necessário imaginar uma hélice tripla, pois os três fios da teoria, da história e da crítica tornam-se essenciais para amarrar o estudo literário [...]”.

Conforme sabido, figuram na atual literatura, obras que reivindicam apreciações divergentes das abordagens clássicas, o que denota a pertinência de trato do fio condutor histórico como propiciador de identificação dos deslocamentos que culminou na hibridez das técnicas de produção textual empreendidas para composição do romance *Niketche uma história de poligamia*. Desta forma, as considerações aqui expostas apoiar-se-ão na terminologia poiética enquanto “filosofia da conduta criativa”, propulsora de uma análise que leve em consideração não a obra acabada, mas seu processo de constituição. Passeron (1997, P. 108) destaca que, “[...] a poiética, ocupa-se unicamente com a conduta humana no que ela tem de criador [...]”.

Para tanto propomos reflexões norteadas pelo ambivalente vocábulo gênero, empregado nas ciências sociais, exatas e humanas; verificadas na obra em questão através da conduta de escrita criativa empreendida por Paulina Chiziane, autora que situa-se no entre-lugar tradição/modernidade, entrando em defesa da cultura autóctone o (conto), numa postura de resistência a elementos alóctones como o (romance); porém se no que toca a escrita a tradição é defendida, esta é combatida quando refletida sob a ótica da submissão feminina imposta no sul de Moçambique, levada ao conhecimento do público leitor por intermédio da personagem Rami em sua proposta de embate a poligamia, a qual representa os deslocamentos identitários característicos dos sujeitos que vivenciam essa paradoxal condição.

2 Niketche: um romance a partir do conto ou um conto como romance?



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Levando em consideração que “o conto continua a ser encarado como adequado instrumento narrativo africano” e que “o romance não tem tradição em África, não constitui-se um elemento significativo”, teses defendidas por Leite (2012), somos impulsionados ao regresso, a fim de verificar as origens, destes que hoje firmam-se enquanto gêneros literários, com o intuito de evidenciarmos as características e especificidades dos mesmos em *Niketche uma história de poligamia*.

As hipóteses defendidas por Propp (apud GOTLIB, 2006) apontam os *contos egípcios* como os mais antigos que se têm registro e indicam duas fases de evolução dessa narrativa: a primeira de caráter sagrado refere-se ao período anterior à escrita, e encontra nas ponderações de Hernandes (2005, p. 28), a respeito dos guardiões da palavra falada, fundamento para se firmar, “Vale registrar que os que detêm o “conhecimento da palavra falada” por revelação divina são denominados “tradicionalistas” e transmitem-no com fidelidade, uma vez que a palavra tem um caráter sagrado derivado de sua origem divina e das forças nela depositadas”.

Além dos guardiões da palavra falada, no continente africano, destaca-se outro grupo responsável pela tradição oral, os griots, que são assim definidos,

[...] trovadores, menestréis, contadores de histórias e animadores públicos para os quais a disciplina da verdade perde a rigidez, sendo-lhe facultada uma linguagem mais livre. [...] por seu turno emprestando um caráter mítico as áreas narrativas, os griots versam sobre epopeias de heróis desde seu nascimento até a sua morte como gênese de seus povos e suas trajetórias. (HERNANDÉZ, 2005, p. 30)

Conforme elucidado esse grupo intermediário, prenuncia a segunda fase designada por Propp (apud GOTLIB, 2006) como profana, a qual concretiza-se quando os relatos perdem seu significado religioso e passam a ser contados por quaisquer pessoas e impregnados de valores sociais.

Destaque-se que compartilham da percepção de Gotlib (2006), Piglia (2004) e Galvão (1982, p. 168) para a qual “[...] o conto, a ação de contar é imemorial e anterior à literatura”, mas é importante salientar que as imbricações que pressupõem a impossibilidade de dissociação entre o oral e o escrito, no que se refere ao termo conto, são evidenciadas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

primordialmente por questões etimológicas, no caso da língua portuguesa, pelo fato desta não oferecer vocábulo que demarque os limites conceituais entre oralidade e escrita diferente da: alemã, inglesa, francesa e italiana. Constatação que pressupõe a necessidade de levar em consideração essa perspectiva integrada de abordagem, pois segundo Galvão (1982, p. 167) “é um privilégio nosso que na língua portuguesa o rótulo guarde a cicatriz de suas origens”.

Assim, defendemos que a peculiaridade etimológica, deve ser considerada no caso da narrativa que aqui constitui-se como objeto de pesquisa, tendo em vista que as considerações expressas remete-nos a ação de contar, o conto enquanto estrutura formalmente retirada da oralidade, contribuição que permanece ignorada e/ou renegada por parte de determinados teóricos da literatura, que não atribuem credibilidade a este gênero por considerá-lo um romance frustrado, o que normalmente está vinculado à concisão narrativa.

Além do aspecto etimológico anteriormente elucidado, é oportuno destacar que as observações acerca da oralidade do conto, importam a esse estudo pelo fato da autora em questão auto afirmar-se “contadora de estórias”, e não romancista, apesar de ser considerada pioneira no gênero em seu país”. (SCHIMIDT, 2010, p. 321). Esta observação oportuniza a percepção de que o conto, enquanto “forma reivindicativa cultural da oralidade” invade a escrita de Paulina Chiziane, atribuindo-lhe um caráter identitário tradicional e uma conduta de embate ao colonizador.

Questionada acerca dessa postura a autora justifica-se “[...] tornou-se um lugar comum o entendimento de que o conto seria uma forma literária intimamente ligada à tradição oral, de origem africana, enquanto o romance seria o elemento estrangeiro, artificialmente transplantado e imposto às culturas locais”. (SCHIMIDT, 2010, p. 321).

Desta forma é possível afirmar que a hibridez textual aqui tratada, remonta a intencionalidade autoral ao longo do processo de produção literária, por meio de técnicas que integram as esferas da beleza e da verdade, pois a supracitada autora trabalha tanto com a linguagem quanto com a verossimilhança. Propiciando assim a compreensão estética da referida obra sob o duplo viés proposto por Aristóteles: teoria da imitação e cartase; já que publicada em 2002, esta narrativa desperta nos interlocutores sentimentos hostis ao sistema



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

segregacional de gênero que ainda persiste em Moçambique, constituindo-se como um romance a partir do conto.

3 Gêneros integrados: Um romance feminino ou feminista?

Contribuindo com a discussão aqui proposta Moretti, (2009, p. 202) é evocado a partir do seu questionamento acerca da prevalência da prosa sobre a poesia, e a contribuição desta para o romance, apresentando dois possíveis pontos de partida para análise do gênero: a *narratividade* e a *complexidade*: “com a narratividade dominando a história, e a complexidade sua teoria”, mas se a prosificação do gênero aqui discutido, remonta ao romance de cavalaria, questionamos a postura de justificar a *complexidade* apenas pelo viés sintático que aponta para o “aumento do número de orações subordinadas” tolhendo assim a criatividade autoral.

Ora se o verso, enquanto enunciado simétrico redutor, é substituído pela prosa numa perspectiva de orientação para frente, de dependência do que está adiante “[...] (o fim de uma sentença: o evento seguinte da trama)”, é evidente *narratividade* e *complexidade* acabam por conectarem-se. Pelo exposto é notório que a concepção aqui defendida, não pretende excluir, mas integrar ambas as perspectivas, já que na configuração romanesca contemporânea, estas tornam-se aspectos indissociáveis, pois neste território os limites entre os gêneros encontram-se cada vez mais tênues; corrobora essa afirmação às apreciações de Rancière (1995, p. 79),

O romance é a forma pela qual a poesia se torna, num só movimento, reflexão sobre si mesma e formação ética. É, portanto a forma de apresentação de um novo acordo do ser, do dizer e do fazer, de uma nova identidade da ética e da estética, não mais do lado (épico) da objetividade, mas do lado da subjetividade que se conhece a si mesma. O romance é a poesia da poesia se experimentando como pensamento, a “poesia progressiva e universal”.

Tal observação ilustra a perspectiva de produção a partir da subjetividade, característica da poesia, e da escrita de si, enquanto comunidade, conforme declarado pela autora em entrevista concedida a Michel Labar (apud Schimidt 2010, p. 320), “Às vezes não



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

me preocupo muito com a qualidade excelente em termos de língua, em termos estéticos, mas tenho muita pressa em descrever o que vi, o que eu passei, o que eu senti – quando digo eu, digo eu-comunidade, porque não é um eu no sentido individual.”

Externando essa postura a escritora justifica a conduta de Rami, que dotada do “ethos cavalheiresco” desloca-se do estado de inércia engajando-se no desafiador propósito de percorrer Moçambique de norte a sul, em busca das demais esposas de seu cônjuge. Refletindo acerca das questões religiosas e de poder imbuídas na prática poligâmica, esta personagem tal qual a autora, reivindica para si o “lugar de fala”, externando os receios e anseios das mulheres residentes no sul desse país, excluídas social, política e culturalmente. Em depoimento a Patrick Chabal (apud, SCHIMIDT, 2010, p. 322) a autora chama a atenção para a necessidade dessa conduta discursiva,

As próprias mulheres, quando escrevem, muito poucas vezes se debruçam sobre os seus próprios problemas como mulheres. Em Moçambique, como em qualquer parte da África, a condição da mulher, a sua situação, o tipo de oportunidades que têm na sociedade, é algo que de fato merece ser visto. Porque as leis da tradição são muito pesadas para uma mulher [...] então, eu posso dizer, de certo modo – não gosto muito de dizer isso mas é uma realidade – é um livro feminista. Portanto a minha mensagem é uma espécie de denúncia, é um grito de protesto.

O receio na declaração feita a Chabal denota o propósito de não comprometer-se com um movimento exterior, de ideologia por vezes contrária a seu projeto pessoal de defesa feminina em Moçambique, o que a torna hesitante, mesmo que sua obra nos confirme aspectos convergentes com o ideal feminista ao externar “um grito de protesto” diante da realidade sociocultural moçambicana; e uma escrita feminina, ao propor a transmutação da mulher de “objeto da escrita” para “autora da escrita”.

Tal afirmativa é constatada nas primeiras páginas da narrativa, quando Rami reflete acerca de suas compatriotas,

Olho para todas elas. Mulheres cansadas, usadas. Mulheres belas, mulheres feias. Mulheres novas, mulheres velhas. Mulheres vencidas na batalha do



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

amor. Vivas por fora e mortas por dentro, eternas habitantes das trevas. Mas porque se foram embora os nossos maridos, porque nos abandonam depois de muitos anos de convivência? Porque nos largam com trouxas, como fardos, para perseguir novas primaveras e novas paixões? Por que é que, já na velhice, criam novos apetites? Quem disse aos homens velhos que as mulheres maduras não precisam de carinho? Oh, meu Tony! Queria tanto que estivesse presente. Traz-me de novo a primavera. Onde andas tu, que não me ouves? (CHIZIANE, 2002, p. 14)

Devido às peculiaridades aqui destacadas *Niketche uma história de poligamia*, preconceituosamente tende a ser incluído no rol das narrativas rotuladas de mutilar a complexidade por serem estruturadas a partir da oralidade, a esse respeito Moretti (2009, p. 203) adverte,

O problema não é o juízo de valor, mas é que quando um juízo de valor se torna fundamento de conceito ele não determina apenas o que é valorizado ou não, mas o que é *pensável* ou não, e, nesse caso, o que torna impensável é, primeiro, a maior parte de todo território do romance e, segundo, sua própria forma: porque a polarização desaparece se você olhar apenas para um dos extremos, quando na verdade não deveria, porque é a marca de como o romance participa da desigualdade social, e a duplica, transformando-a em desigualdade cultural. Uma teoria do romance deveria levar isso em consideração.

Acolhendo a proposição de Moretti (2009), evidenciamos, a fusão dos “extremos estilísticos”: narratividade e complexidade, na literatura africana de língua portuguesa, por intermédio da obra pesquisada, a qual oferece a crítica literária a possibilidade de análise de um texto produzidos sob a ótica de uma minoria, a mulher, proveniente de um povo “historicamente” e de uma região “geograficamente” marginalizados, propiciando reflexões isentas de preconceito.

Essa perspectiva integrada de abordagem permite ao romance jogar “em duas mesas completamente diferentes – popular e erudita -, fazendo dele uma forma adaptável e bem sucedida como nenhuma outra”. (MORETTI, 2009, p. 203). Justificando esse binarismo romanesco, Moretti (2009, p. 205), argumenta que impor uma barreira ao popular no campo



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

dos estudos teóricos, do gênero aqui discutido, significa não apenas renegar as origens do romance, como também excluir do âmbito da literatura parte considerável das narrativas contemporâneas, destacando que,

Assim como a prosa multiplica estilos, a aventura multiplica histórias: e prospectiva é perfeita para a aventura, sintaxe e trama movendo-se em conjunto. Não estou certo de que exista um ramo principal na família de formas a que chamamos romance, mas se há, este: seríamos capazes de reconhecer a história do romance sem o modernismo ou mesmo sem o realismo; sem aventuras em prosa, não.

Se a prosa multiplica estilos e a aventura é um mecanismo de expansão fundamental para a história do gênero, como não classificar a obra de uma autora que alia em sua prática literária esse mecanismo ao amor? Considerando por Moretti (2009, p. 204) numa escala de valor, o segundo elemento estrutural mais importante do romance, “[...] se eu pudesse escolher dois: aventuras – e amor. Um mecanismo para expandir a história, e um para mantê-la unida: uma conjunção que é especialmente clara nos romances antigos, nos quais o amor é a única fonte de permanência.”

Problematizando questões culturais, Paulina Chiziane, em *Niketche uma história de poligamia*, rompe o equilíbrio amoroso através da proposição de aventuras que abrem para o mundo “[...] um pedido de ajuda – “(MORETTI, 2009, p. 204)”. E impulsiona a partida de Rami, à semelhança dos heróis cavaleirescos. Ressalte-se, porém, que esta personagem guia-se a princípio instigada pela filosofia da autoajuda, pois não mais consegue silenciar diante da poligamia masculina e submissão feminina, constantes na região sul de Moçambique, onde habita,

Poligamia é o destino de tantas mulheres neste mundo desde os tempos sem memória. Conheço um povo sem poligamia: o povo macua. Este povo deixou as suas raízes e apoligamou-se por influência da religião. Islamizou-se. Os homens desse povo aproveitaram a ocasião e converteram-se de imediato. Porque poligamia é poder, porque é bom ser patriarca e dominar. Conheço um povo com tradição poligâmica: o meu, do sul do meu país. Inspirado no papa, nos padres e nos santos, disse não à poligamia.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Cristianizou-se. Jurou deixar os costumes bárbaros de casar com muitas mulheres para tornar-se monógamo ou celibatário. (CHIZIANE, 2008, 94)

Diante do exposto ressaltamos, conforme destacado anteriormente, o entre-lugar onde encontra-se a personagem Rami: cristianismo/islamismo, norte/sul em uma sociedade onde as questões culturais impulsionam o poder patriarcalista e a submissão feminina, enfatizada em Niketche, termo que remonta a sensual dança do amor, através da poligamia; do lobolo, prática de contrato matrimonial pautada em ajustes financeiros ou negociação com gado nesse país; além do Kuitchinga, considerado um ritual de purificação que obriga a viúva a prática do ato sexual desprotegido com um patente do falecido, tradição atualmente contestada por entidades nacionais e internacionais de promoção à saúde, por propiciar aumento do índice de contaminação pelo HIV.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Justificamos o binarismo semântico do termo “gênero” adotado nesta análise embasados nas apreciações de Leite (2012, p. 154) que considera a textualidade pós-colonial adequada para reflexão acerca da hibridização pelo fato de expor a pluralidade no que toca não apenas formas como também propostas, pois Niketche uma história de poligamia, configura-se, segundo a própria autora, como “grito de protesto”, o que possibilita a sua obra “um enquadramento simultaneamente pós-moderno e pós-colonial” (LEITE, p. 219), segundo a concepção de Jameson (apud, APPIAH, 1997) que distingue modernismo e pós-modernismo, em literatura, a partir da funcionalidade social da obra.

Porém o viés de escrita aqui empreendido parte das origens ao entrecruzamento dos “gêneros” numa perspectiva de fusão entre recursos teóricos que propiciam a valorização da oralidade que remete ao conto, e a extensão permeada de aventuras amorosas características do romance, corrobora essa percepção (DERRIDA, 1992, p. 230, apud GIRALDO, 2007, p. 181), ao concluir que, “um texto não pertence a algum gênero. Todo texto participa em um ou



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

vários gêneros”, postura que parece-nos mais plausível, diante da recusa de Paulina Chiziane em reconhecer-se romancista e a imposição editorial que assim classifica toda a sua obra.

REFERÊNCIAS

CHIZIANE, Paulina. **Niketche uma história de poligamia**. Lisboa: Caminho, 2008.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

PASSERON, René. **Da estética à poética**. Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 103-116, nov. 1997.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. Editora Ática. São Paulo, 2006.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África em sala de aula: visita a história contemporânea**. Selo Negro. São Paulo, 2005.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Cinco teses sobre o conto. In: **O livro do seminário: ensaios Bienal Nestlé de Literatura Brasileira**. LR Editores Ltda. São Paulo, 1982.

PIGLIA, Ricardo. Tese sobre o conto. In: **Formas breves**. Companhia das Letras. São Paulo, 2004.

FRIEDMAN, Norman. **O que faz um conto ser curto?** Revista USP, São Paulo, n. 63, p. 219-230, setembro/novembro 2004.

SCHIMIDT, Simone Pereira. **África & Brasil: letras em laços**. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2010.

TELES, Gilberto Mendonça. **Para uma poética do conto brasileiro**. Revista de Filologia Românica, 2002, 19, 161 – 182.

COMPAGON, Antoine. **Literatura para quê?** Disponível em: <http://minhateca.com.br/Patty.Santana/Documentos/Antoine+Compagnon/Literatura-para-que-Antoine-Compagnon,19657519.pdf>. Acesso em 14 de abr. de 2015.

MORETTI, Franco. **O romance: história e teoria**. Novos Estudos 85, novembro, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Rio de Janeiro: (Coleção TRANS), 1995.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

GIRALDO, Rafael Eduardo Gutiérrez. **Romances híbridos e crítica ficcional na narrativa contemporânea latino-americana: o caso de Roberto Bolaño.** Niterói, n. 22, p. 179-190. Sem. 2007.